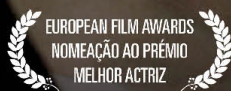
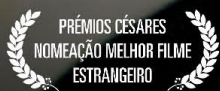


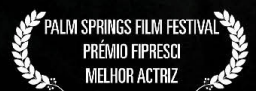
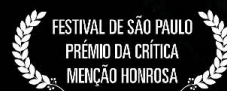
VERSUS PRODUCTION e LES FILMS DU WORSO apresentam

OS NOSSOS FILHOS

UM FILME DE **JOACHIM LAFOSSE**



MELHOR ACTRIZ
UN CERTAIN REGARD
FESTIVAL DE CANNES



TAHAR RAHIM NIELS ARESTRUP EMILIE DEQUENNE

STÉPHANE BISSOT MOUNIA RAOU REDOUANE BEHACHE BAYA BELAL NATHALIE BOUTEFU YANNICK RENIER

ESCRITO POR JOACHIM LAFOSSE, MATTHIEU REYNAERT, THOMAS BIDECAIN, PRODUZIDO POR JACQUES-HENRI, OLIVIER BRONCKART, JANI THILYGES, SYLVIE PIALAT, THIERRY SPICHER, ELENA TATTI, ANTONIO LOMBARDO, PRODUTORA EXECUTIVA: GWENAËLLE LIBERT
PRODUTORES ASSOCIADOS: ARLETTE ZYL BERBERG, ALBERTO CHOLLET, DIRETOR DE FOTOGRAFIA: JEAN-FRANÇOIS HENSGENS, MONTAGEM: SOPHIE VERCRUYSE, SOM E MÚSICA: ANNA FALGUÈRES COM HENRI MAIKOFF, INGRID SIMON, THOMAS GAUDIER
SUPERVISÃO MUSICAL: ADRIANO GIARDINA, UMA CO-PRODUÇÃO: VERSUS PRODUCTION, SAMA FILM, LES FILMS DU WORSO, BOX PRODUCTIONS, PRIME TIME, RTBF, RTS, RADIO TÉLÉVISION SUISSE, SRG SSR, COM O APOIO DO CENTRE DU CINÉMA ET DE L'AUDIOVISUEL
DE LA FÉDÉRATION WALLONNE-BRUXELLOISE ET DE VOOR DE LA WALLONIE DU VLAAMS AUDIOVISUEEL, FONDS DE BELGACOM TV, COM O APOIO DO TAX SHELTER DU GOUVERNEMENT FÉDÉRAL, BELGE DE FORTIS FILM FUND D'INVER, INVEST DE O'BROTHER DISTRIBUTION
COM A PARTICIPAÇÃO DE: FONDS NATIONAL DE SOUTIEN À LA PRODUCTION AUDIOVISUELLE DU GRAND-DUCHÉ DE LUXEMBOURG, EURIMAGES COM A PARTICIPAÇÃO DE CANAL +, DE CINE +, FILMS DU LOSANGE EM ASSOCIAÇÃO COM ARTE / COFINOVA
COM A PARTICIPAÇÃO DE: OFFICE FÉDÉRAL DE LA CULTURE (DFI)-SUISSE, DE FONDS REGIO FILMS ET LA LOTERIE ROMANDE, DE FILMCOOP, DO PROGRAMA MEDIA DA COMUNIDADE EUROPEIA, DISTRIBUÍDO LEOPARDO FILMES

WWW.LEOPARDOFILMES.COM

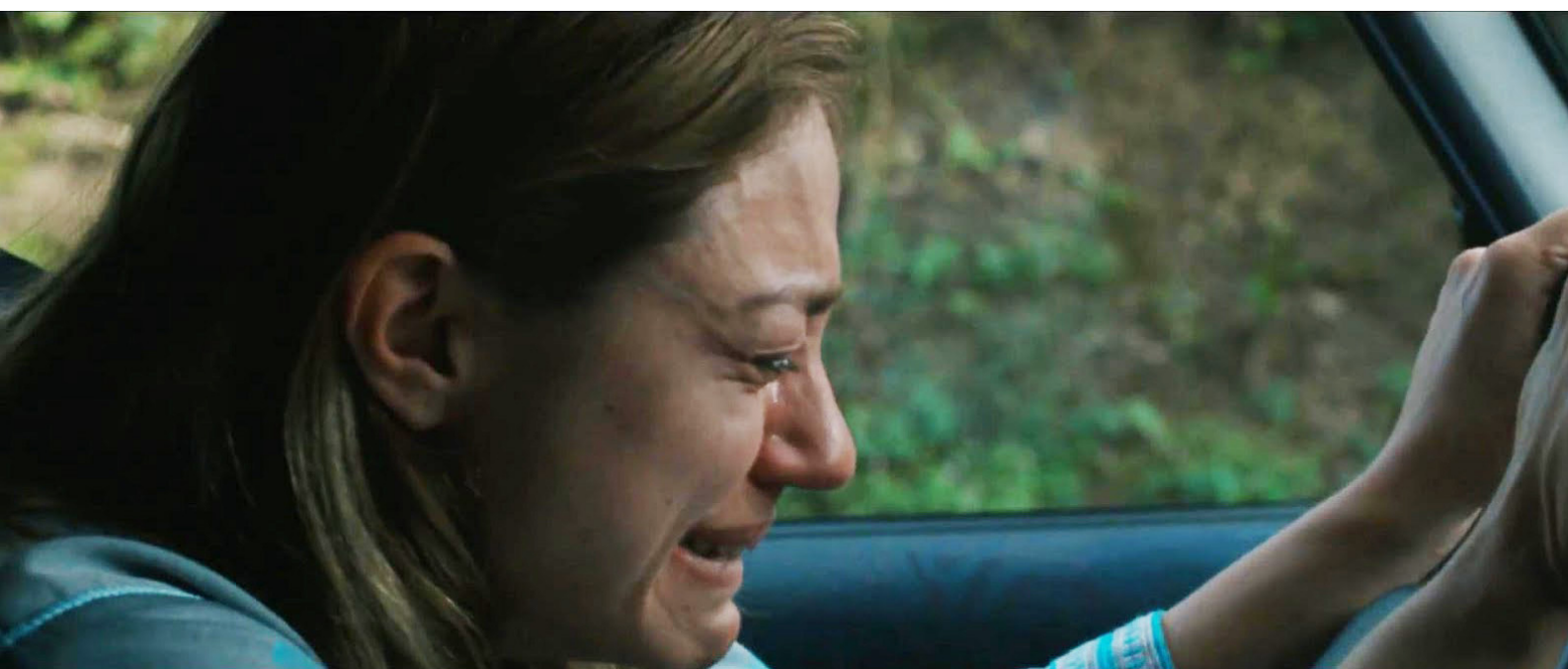
LEOPARDO
FILMES

FACEBOOK.COM/LEOPARDOFILMES



Baseado numa história verídica que chocou a Bélgica em 2007, o filme conta a história do casal Murielle e Mounir, dois jovens verdadeiramente apaixonados.

Infelizmente os problemas começam a surgir rapidamente após o casamento. No centro do problema está o Dr. Pinget, o homem que cuidou de Mounir desde pequeno e que passa a exercer uma forte influência sobre os dois – o casal não só vive em sua casa como também depende financeiramente dele. Aos poucos, ela começa a sentir-se aprisionada neste clima emocional doentio e uma sombra trágica começa a pairar sobre esta família...



ENTREVISTA COM JOACHIM LAFOSSE

De onde surgiu esta história? Não foi inventada por si...

Inspirei-me livremente no caso que ocorreu na Bélgica em 2007. Estava a conduzir quando ouvi uma reportagem dramática na rádio acerca de uma mulher que matou os seus cinco filhos. Senti de imediato que isto remontava à tragédia grega e o incidente possibilitou-me aprofundar aquilo de que já falava nos meus filmes anteriores: o amor excessivo e as suas consequências, a dívida, os laços perversos, as famílias disfuncionais, a questão dos limites... Algumas decisões impuseram-se desde o início: não ilustrar ou documentar o caso, mas apoderar-me dele com a minha subjectividade, o meu ponto de vista enquanto artista.

Integrar a ideia de que na história de qualquer família a verdade de uma pessoa não é a verdade da outra. A minha tarefa não é procurar a realidade judicial e respeitá-la ou manter a objectividade jornalística. Estas tarefas já tinham sido cumpridas e ilustram as suas próprias verdades, entre muitas. A minha tarefa enquanto cineasta é outra. O objectivo é criar uma visão interior e investigadora sobre uma tragédia humana, para além das responsabilidades. O meu papel é deixar que os espectadores partilhem a vida das personagens que filmei e permitir que as compreendam através de um novo ângulo.

Quis mostrar que um acto destes, descrito como “monstruoso”, não é acidental. Muitas vezes, as pessoas classificam o crime de infanticídio como “inimaginável”: o meu objectivo é incitar o público a pensar sobre algo que é frequentemente descrito como inexplicável, disponibilizar uma visão diferente, através da ficção, e levantar questões acerca da percepção da realidade, não só através do meu próprio olhar mas também do olhar do público.



Porque razão os laços disfuncionais da unidade familiar o fascinam tanto?

É na família que aprendemos a democracia e é também o melhor contexto para observar a ditadura em acção. É um ambiente violento. Aquilo que me interessa na família são as disfunções. Todas aquelas coisas que não detectamos mas nas quais participamos. Porque é que não nos conseguimos libertar desses laços. Cinematograficamente, uma ligação perversa é um tema fascinante porque se esconde e se alimenta de personagens complexos.

Existe uma dimensão colonialista na personagem do Dr. Pinget: um europeu que adopta um rapaz do Norte de África...

Precisamente. O problema do colonialismo é o facto de o colonizador não tornar oficial a sua História, não a reconhecer. O Dr. Pinget apresenta-se como o pai adoptivo de Mounir mas não o é, uma vez que não lhe deu o seu nome. É por isso que diria que Mounir é o protegido de Pinget, com toda a ambiguidade que isso encerra. Não se fazem filmes com ideias mas sim com personagens. Essa é a lição que os irmãos Dardenne nos ensinaram. E aqui o que me interessa são as personagens. Como nos libertamos de alguém que nos deu tudo, que foi o nosso protector e professor? Pode ser um presente envenenado. Podemos imaginar que para André Pinget seja complicado expressar o seu amor, que está a lidar com um lado frágil da sua personalidade. Foi isso que disse a Niels Arestrup, que o interpreta: “A tua personagem é como um rapazinho que tem de oferecer doces o tempo todo para ter amigos no recreio! E se não tiver doces, acha que ninguém vai gostar dele.” André só consegue imaginar uma relação sob aquele ângulo. É a tragédia da sua vida e é um círculo vicioso.

Uma das forças do filme é o facto de existirem zonas sombrias...

Entre muitas outras questões, existe aquela sobre a ligação entre André e Mounir que é marcada por uma certa ambiguidade... Isso não me interessa. Aquilo que me interessa são os temas da dependência e da dívida. Mas é verdade que todos os aspectos femininos são excluídos. Estes dois homens não deixam espaço para Murielle. Eles vêem-na como uma esposa e uma mãe. De facto, quem são os casais? Essa é, em parte, uma das questões que o filme levanta...

Narra uma história particular, o desenvolvimento do sofrimento até ao limite de um caso específico. Mas, ao mesmo tempo, o sofrimento de Murielle é universal.

É possível fazer uma leitura feminista deste filme: a muito frequente história das donas de casa sujeitas à maternidade, mulheres privadas de discurso, “amordaçadas”, consciencializadas para a culpa... No caso da Murielle, tal como no de Medeia, ter filhos torna-se uma força contrária. Graças aos filhos, ela beneficia da generosidade do Dr. Pinget. E, sentindo que deu essas crianças, ela tira-as de volta quando se sente traída. É assim que a sua personagem funciona no filme. Mas essa não é, necessariamente, uma abordagem feminista: o filme não liberta ninguém de responsabilidades mas também não julga nenhuma personagem. Faz perguntas e procura respostas através do único meio que nos permite agir assim: um relato ficcional.

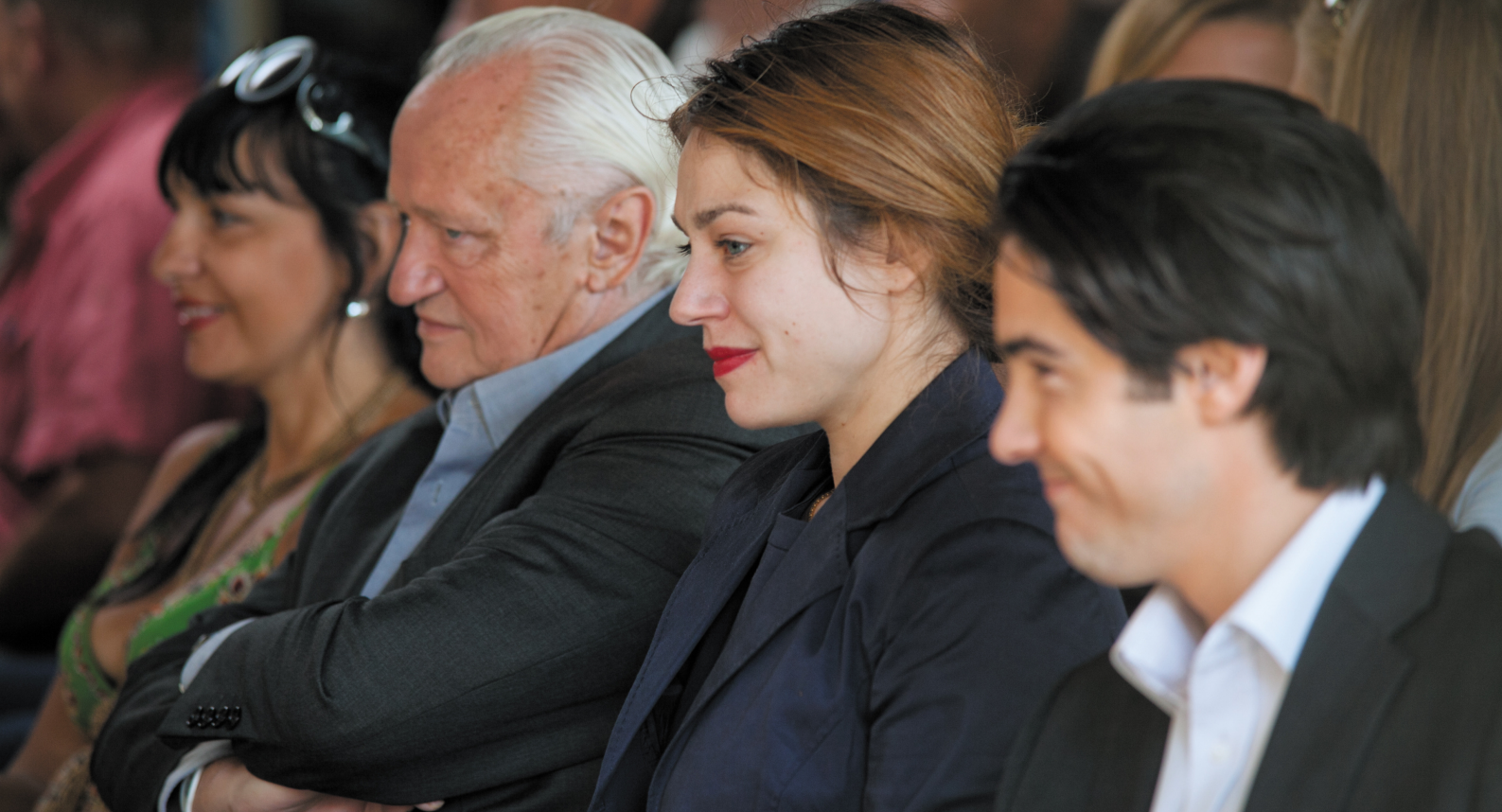


Como podemos definir Murielle?

Enquanto que para André Pinget pensámos em “Mentira” (“Shadow of a Doubt”), a nossa referência para Murielle foi “Uma Mulher Sob Influência”, de John Cassavetes, na sua forma de perseguir a família constantemente. Uma mulher fora de pé, exausta, maltratada, aprisionada pela dúvida e pelo medo, e que desmorona. No início, ela é uma jovem que foi criada num espírito de sacrifício. Uma rapariga solitária. Os seus pais não eram os pais com que sonhava e, com André, encontra o pai que adoraria ter. É um homem que a protege e a faz sentir-se segura. De forma geral, esta é uma situação que vai ao encontro dos nossos tempos. O doutor é uma espécie de seguro de vida e hoje em dia todos querem viver em segurança. A tragédia cresce numa atmosfera de confiança e facilidade. Libertar-se dela significa correr riscos. O prazer e o desejo morrem no momento em que não existe perigo. A morte instala-se neste mundo de facilidades.

Porque escolheu Emilie Dequenne?

Estava a começar na Escola de Cinema quando vi as lágrimas dela ao receber o Prémio de Melhor Actriz em Cannes pelo “Rosetta”. Esse filme marcou-me imenso. Ela é uma atriz incrível: consegue alimentar uma história e deixar-se impregnar por ela. Impressionou-me durante a rodagem da cena em que ouve uma canção de Julien Clerc no carro: fizemos seis takes e ela foi fantástica em todos! O meu pai era fotógrafo e, ao vê-la, tive pela primeira vez a impressão de proporcionar a mim mesmo aquilo que foi cedido ao meu pai: o direito de não ser mais do que um olhar.



E os homens?

Quis trabalhar com actores conhecidos para me assegurar que me mantinha no terreno ficcional. Tahar Rahim toma conta de uma personagem complexa que se mantém submisso mas que procura afirmar-se. Ele teve de mostrar como é que a sua personagem se sente constantemente repartida entre a mulher e o protector. Niels Arestrup não interpretou apenas personagens simpáticos no passado e esse facto trouxe-lhe uma gravidade que se tornou interessante para lhe dar um carácter simpático e afectuoso, uma espécie de pai carinhoso.



FICHA ARTÍSTICA

André Pinget - Niels Arestrup
Mounir - Tahar Rahim
Murielle - Emilie Dequenue
Rachida - Baya Belal
Françoise - Stéphane Bissot
Fatima - Mounia Raoui
Samir - Redouane Behache
Radiologista - Yannick Renier
Dr De Clerck - Nathalie Boutefeu

FICHA TÉCNICA

Realizado por Joachim Lafosse
Argumento de Joachim Lafosse, Matthieu Reynaert, Thomas Bidegain
Fotografia Jean-François Hensgens
Montagem Sophie Vercruysse
Direção de Arte Anna Falguères
Som Henri Maikoff, Ingrid Simon, Thomas Gauder
Produzido por Jacques-Henri & Olivier Bronckart, Jani Thiltges, Sylvie Pialat, Thierry Spicher
Co-produzido por Versus production, Samsa Films, Les Films du Worso, Box Productions, Prime Time, RTBF, RTS (Radio Télévision Suisse - SRG SSR)
Com o apoio de Centre du Cinéma et de l'Audiovisuel de la Fédération Wallonie Bruxelles et Voo, Région Wallonne, Vlaams Audiovisueel Fonds, Belgacom TV
Em associação com Arte - Cofinova
Com a participação de Tax Shelter du Gouvernement fédéral belge, BNP Paribas, Fortis Film Fund, Inver Invest, O'Brother Distribution, Canal+, Ciné +, Les Films du Losange, Fonds national de soutien à la production audiovisuelle du Grand-Duché de Luxembourg, Eurimages, Office fédéral de la Culture (DFI) – Suisse, Fonds Regio Films et la Loterie Romande, Filmcoopi, Programme MEDIA de la Communauté Européenne